

# Sociedade mundial do trabalho: uma nova lógica entre centro e perifeira do capitalismo?

Jacinta Aguiar Medeiros

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF

jacinta.aguiar@hotmail.com

## Resumo

A presente resenha traz uma análise sobre o livro intitulado “*A nova sociedade mundial do trabalho: para além de centro e periferia?*” onde o autor alicerça os seus argumentos sobre a releitura crítica de obras clássicas de alguns dos principais intelectuais que tratam da teoria social do trabalho no debate contemporâneo, sobretudo, no advento sem precedentes da sua precarização mundial. Por meio da sua pesquisa, Fabrício Maciel nos presenteia com um precioso estudo sobre a temática em destaque, o que sem sombra de dúvidas, coloca a sua leitura como indispensável aos que desejam avançar em torno das reflexões sobre o mundo contemporâneo do trabalho e as suas muitas nuances.

**Palavras-chave:** Sociedade. Trabalho. Capitalismo.

## World labor society: a new logic between the center and periphery of capitalism?

### Abstract

This review provides an analysis of the book entitled “*The New World Society of Labor: Beyond the Center and the Periphery?*” Where the author bases his arguments on the critical re-reading of classic works by some of the leading intellectuals dealing with social theory of work in the contemporary debate, especially in the unprecedented advent of its worldwide precariousness. Through his research, Fabrício Maciel presents us with a valuable study on the subject, which undoubtedly puts his reading as indispensable to those who wish to advance on the reflections on the contemporary world of work and its many nuances.

**Keywords:** Society. Job. Capitalism.

## 1 Introdução

Fruto da sua tese de doutoramento defendida em 2012 na Universidade Federal de Juiz de Fora – MG (UFJF-MG) *A nova sociedade mundial do trabalho: para além de centro e da periferia?* se constitui como uma contribuição relevante de Fabrício Maciel na medida em que o autor recomenda uma análise da sociedade do trabalho contemporânea a partir de uma perspectiva universal. Para tanto, confronta ideias e faz críticas contundentes às análises que privilegiam as fronteiras dos Estados Nacionais (nacionalismo metodológico), prática recorrente até mesmo entre os mais críticos dos sociólogos alemães com quem irá dialogar em sua obra.

Estruturado sobre oito capítulos e publicado pela Editora Annablume em 2014 o livro tematiza ao longo das suas 208 páginas duas questões centrais: primeiro para a radicalização estrutural da precarização do trabalho na periferia do capitalismo e; segundo, para a sua chegada ainda que conjunturalmente, às nações ricas do Atlântico Norte, situação perceptível pelo menos desde o início da década de 1970. A hipótese principal do autor está na observação do surgimento e da articulação universal destes dois novos elementos empiricamente observáveis, complementares que se avolumaram gradualmente desde a década de 1970, recrudescendo a partir das décadas de 1990 e 2000 constituindo uma nova realidade global.

Nesta direção, Maciel (2014) defende a necessidade de se observar a “novidade” como surgimento do que ele denomina de “uma nova sociedade mundial do trabalho” utilizando-se de vasto material empírico e teórico.

Dada a sua complexidade, o autor recomenda que o fenômeno seja estudado a partir de uma nova teoria global e, para tanto, constrói os seus argumentos em torno de uma releitura crítica das obras clássicas de alguns dos principais intelectuais que tratam da teoria social do trabalho, dentre os quais: *Claus Offe, André Gorz e Ulrich Beck*.

Neste caminho, o autor intervém no debate contemporâneo sobre o trabalho, sobretudo no advento sem precedentes da sua precarização mundial ao propor tratar da questão sob uma ótica global, ou seja, desvelar as modificações ocorridas no centro e na periferia do capitalismo para além da ótica dos Estados Nacionais e das suas fronteiras geográficas, sociais, culturais, políticas, econômicas e cognitivas.

Por meio de vasto material empírico trazido da sua pesquisa de doutorado, Fabrício Maciel tem o mérito de elucidar, de maneira brilhante, as transformações ocorridas

na sociedade mundial do trabalho, dos seus efeitos globalizantes e sobre a agudização das desigualdades sociais tanto no centro quanto na periferia do capitalismo.

Em resumo, recomenda que essas mudanças sejam compreendidas desde a concepção de uma sociedade mundial do trabalho sob uma nova perspectiva epistemológica, que não se restrinja à tradicional metodologia das histórias nacionais sem, no entanto, negar a existência de padrões socioeconômicos e culturais de desigualdades nacionais.

## **2 Uma análise sobre a sociedade mundial do trabalho: o que há de novo entre o centro e a periferia do capitalismo?**

A resposta para esta e outras indagações acerca do tema surge inicialmente na construção do primeiro capítulo intitulado *Para além do nacionalismo metodológico*, onde Fabrício Maciel funda uma análise crítica categórica a respeito do nacionalismo metodológico predominante durante todo o século XX, ao defender que esse tipo de observação nacionalista não considera as mudanças conjunturais universais em torno da sociedade do trabalho. O modelo em destaque acaba legitimando internamente as desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que as produz, as estabiliza e as legitima para fora. (BECK, 2008).

Deste modo, na acepção de Beck, o princípio do rendimento interno dos países europeus ricos estaria a legitimar a desigualdade nacional, enquanto que, o princípio do Estado nacional justificaria a desigualdade global. Essas poderosas nações organizam e justificam os seus sistemas de transferências de riquezas desconsiderando que grande parte da população mundial é ameaçada diariamente pela fome o que, em outras palavras, quer dizer que: o olhar nacional exclui os excluídos quando ele não enxerga que a atual produção e reprodução da desigualdade mundial operam na dimensão da dominação financeira internacional, causando o aumento da precarização do trabalho e das condições de vida das populações periféricas (MACIEL, 2014).

Na sequência, no segundo capítulo denominado *O que houve com a sociedade do trabalho?* emerge a hipótese do surgimento de uma nova sociedade mundial do trabalho que, na leitura de Fabrício, precisa ser reconstruída teoricamente e assumir novos significados para algumas das suas mudanças sociais, bem como sobre os seus novos moldes contemporâneos de produção e reprodução do trabalho.

Os autores enfrentados para o objetivo proposto foram: *Claus Offe (1994)* que

questiona o fim da categoria do trabalho como chave central da sociologia contemporânea; André Gorz (2004) pela sua análise em torno da substituição do Fordismo pelo Pós Fordismo e da sua proposta de substituição da sociedade do trabalho pela sociedade do conhecimento ou, conforme convencionou chamar de sociedade “imaterial”; por fim, completa o trio de intelectuais elegidos para o debate, Ulrich Beck (1986, 2007), pela sua particularidade de análise em torno da temática do trabalho mediante uma perspectiva exclusivamente europeia, ao mesmo tempo em que percebe como “novidade” o advento global do trabalho precarizado e informal.

Cumprir notar que neste segundo capítulo sobressaem duas questões centrais para a compreensão das mudanças mencionadas no parágrafo anterior: a primeira se relaciona ao advento da tecnologia que passa a assumir historicamente um protagonismo inédito na produção. Já a segunda mudança observada seria o advento crescente do setor de serviços como forma produtiva e da informalização das relações trabalhistas. (MACIEL, 2014).

Por fim, Fabrício aponta para a inaptidão de Claus Offe - para quem a sociedade do trabalho se reduz à sociedade salarial - de reconhecer que o setor informal seria a alma do capitalismo contemporâneo a impulsionar a economia dos países emergentes por meio do setor de serviços.

Avançando em direção ao terceiro capítulo intitulado “Existe uma sociedade do conhecimento?” o autor nos convida a refletir sobre o que teria sido a mudança de paradigma da sociedade do trabalho para a sociedade do conhecimento, esta última como uma das tentativas dominantes de redefinição das sociedades ocidentais contemporâneas.

No pós fordismo, o capitalismo transformou as mercadorias em algo imaterial, recheada de sonhos e significados de maneira a garantir o consumo. Neste momento, ocorreria uma espécie de fragmentação da classe trabalhadora defendida por André Gorz, segundo o qual, a sociedade do trabalho teria sido substituída pela sociedade do imaterial que cindiu e individualizou a classe trabalhadora.

Tais elementos passaram a exigir um tipo específico de consumidor e de trabalhador, em que segundo elemento deve agora possuir cada vez mais conhecimento com “C” maiúsculo, ou seja, conhecimento formal. Gorz, todavia, não percebe ou finge não perceber que a inventividade, ou seja, o conhecimento informal é imprescindível à sobrevivência dos trabalhadores/batalhadores do mercado informal periférico e que indiscutivelmente, serve de motor à economia capitalista central.

Destarte, ao contrário do que supõe André Gorz, Maciel desconstrói de forma

magistral a ideia de sociedade do trabalho defendida até então somente com o único argumento centrado na objetividade do conhecimento tecnológico e da crescente importância do conhecimento especializado. Em resumo, a validade da sua crítica em torno desse pensamento, se dá oportunamente em razão da sua observação incontestada de que Gorz e os demais autores europeus ligados ao estudo da temática do trabalho estariam operando as suas observações somente com base em uma narrativa europeizada e faz a seguinte indagação:

Em nenhum momento se enfrenta a questão básica para a compreensão da reprodução do capitalismo: para onde vai a dimensão da produção precarizada com a reestruturação tecnológica das sociedades contemporâneas? Onde e por quem é operado o trabalho braçal que ainda existe – e que agora é ainda mais desvalorizado – para que a sociedade mundial do trabalho continue a se reproduzir e se legitimar (MACIEL, 2014, p. 78).

Em síntese, sugere assertivamente a necessidade da construção de uma nova teoria que dê conta do surgimento da nova sociedade do trabalho, a partir de uma análise que vá além do paradigma da sociedade do conhecimento e que seja finalmente capaz de escapar do nacionalismo metodológico (MACIEL, 2014).

Mais adiante, no seu quarto capítulo “O que é a brasilização do ocidente? Uma crítica a Ulrich Beck”, como o nome já sinaliza, Maciel (2014) faz críticas contundentes ao autor alemão a quem classifica de “falso crítico” (p. 105), diante do seu “particularismo eurocêntrico e culturalista que paira sobre o pensamento europeu Pós-Welfare” (p. 93), no que se refere às suas reflexões sobre a sociedade mundial do trabalho.

Por conseguinte, em oposição à tese defendida por Beck, Fabrício Maciel afirma que a brasilização do ocidente não passa de uma falácia, de ignorância teórica e empírica que serviria de legitimação ao poder capital dos países ricos do Atlântico Norte, camuflando, por conseguinte, a ocorrência da perda relativa de poder dos países de economia central que percebem e tentam esconder “embaixo do tapete” a chegada inédita da precarização do trabalho no coração do capitalismo ainda que, conjunturalmente e não de maneira estrutural como historicamente ocorre nos países do hemisfério Sul.

Em “Robert Castel e a nova vulnerabilidade social” quinto capítulo do livro, são feitos apontamentos sobre a importância dos conceitos introduzidos por Castel a respeito dos padrões de definição de trabalho ao longo da história do capitalismo, cuja genealogia passa desde os “desfiliados” socialmente, pelos “sobrantes” e por fim pela “sociedade salarial” compreendida como sinônimo de “sociedade industrial”.

Acerca de sua compreensão, Maciel (2014) considera que a sociedade do trabalho não dever ser deixada de lado, pelo contrário, ela deve ser vista em suas dimensões negativas, estruturais e conjunturais de maneira articulada, pois somente dessa forma será possível a conciliação entre as questões que envolvem o trabalho e a classe social, termos sinônimos dentro uma perspectiva global.

Adiante, no sexto capítulo nominado “A renovação da sociedade”, a narrativa se constrói em torno do que vem a ser um dos principais debates no Brasil e no mundo contemporâneo, em outras palavras ditas pelo autor, seria o surgimento dos “emergentes”, ou seja, uma suposta “nova classe média na sociedade mundial do trabalho contemporânea” (MACIEL, 2014, p.151). Tal conceito pretende ir além da função do consumo e procura avançar sobre os comportamentos sociais relacionados ao estilo de vida e ao gosto dessa classe média emergente, tendo em vista principalmente o seu comportamento político e, até mesmo, as suas atitudes e gestos no espaço público.

Neste ponto, merece realce a instigante análise feita por Bordieu (2007) sobre o mundo social e a conformação do *habitus* como forma de distinção, conceito aqui aplicado para categorizar essa nova classe média emergente na periferia econômica do capitalismo mundial.

[...] os agentes sociais determinam ativamente, por intermédio de categorias de percepção e de apreciação social e historicamente constituídas, a situação que os determina. Podemos dizer até que os agentes sociais são determinados somente e na medida em que eles se determinam; mas as categorias de percepção e de apreciação, que são o princípio desta (auto) determinação, são elas mesmas, em grande parte, determinadas pelas condições econômicas e sociais de sua constituição (BOURDIEU, 1992, p. 111).

Logo, diante da lógica bourdieusiana o comportamento dessa nova classe média estaria ligado aos seus gostos e às suas preferências, manifestados através das suas práticas comportamentais gerais, vistas como produto dos condicionamentos associados a esta classe ou a uma fração dela. Enfim, em torno do conceito de *habitus*, não restam dúvidas sobre a importante contribuição de Bourdieu sobre o pensamento sociológico.

O sétimo capítulo nominado *A aventura inventiva dos batalhadores* trata da importância do saber/conhecimento informal e da inventividade do trabalhador informal na periferia do capitalismo, lugar no mundo onde estes indivíduos têm de se reinventarem e de se refazerem cotidianamente. Estes batalhadores seriam “[...] por excelência o homem prático primário da economia capitalista” (MACIEL, 2014, p. 173). Um exemplo clássico seria o caso

da inventividade implícita dos trabalhadores brasileiros, sem os quais, na concepção do autor, não existiria o capitalismo, pois “[...] é por eles e através deles que o capitalismo se reinventa e se renova” MACIEL, 2014, p. 172).

Por último, no oitavo capítulo batizado de “A renovação da velha classe média”, Fabrício traz à luz do debate, expressivo material empírico de pesquisa obtido durante a sua estadia de doutorado sanduíche na Alemanha em 2011 e que se traduz por meio da incursão do pesquisador na realidade da classe média tradicional, representada nas entrevistas por brasileiros, alemães e estrangeiros. Devido ao seu caráter inovador e crítico, Fabrício Maciel moderniza a discussão em torno da sociedade mundial do trabalho contemporâneo, ao repensá-la para além das fronteiras nacionais.

De maneira instigante e coerente, o autor realiza com êxito uma releitura honesta e sem rodeios em torno da nova sociedade mundial do trabalho para além dos nacionalismos metodológicos que estabelecem uma cortina de fumaça ao negarem a chegada ainda que conjuntural, da precarização do trabalho nas potentes economias europeias, que compreendem no fortalecimento do setor de produção de serviços e na informalidade uma ameaça no pós *Welfare State*.

### **3 Considerações finais**

Um dos grandes méritos da investigação de Fabrício, para quem a realidade da sociedade mundial do trabalho se encontra dividida em classes sociais e não em Estados nacionais, reside no fato de que as sociedades puramente nacionais não existem mais e que além da elite global, a classe média também agora é capaz de ultrapassar as barreiras nacionais e se transnacionalizar, ocasionando a ascensão dos batalhadores à nova realidade econômica, social e política mundial, dando-lhes uma nova dimensão globalizada.

Finalmente, como sociólogo e pesquisador, Fabrício Maciel consegue de maneira categórica desnudar a questão da internacionalização das mudanças sociais na lógica do trabalho e, nos leva a concluir que, neste momento, esteja ocorrendo a radicalização da sua precarização estrutural na periferia e a consolidação desta precarização conjuntural do trabalho no centro do capitalismo.

Em síntese, sua obra traz uma contribuição inestimável à discussão acerca da compreensão da temática do trabalho. Ao ampliar significativamente o debate, coloca a sua leitura como indispensável aos que desejam avançar em torno das reflexões sobre o mundo

contemporâneo do trabalho e suas nuances.

### Referências

BECK, Ulrich. **Die Neuvermessung der Ungleichheit unter den Menschen**. Frankfurt am Main: Surkamp, 2008.

BOURDIEU, Pierre avec Löic Wacquant. **Réponses**. Paris: Seuil, 1992.

MACIEL, Fabrício. **A nova sociedade mundial do trabalho: para além de centro e periferia?** São Paulo. Ed. Annablume, 2014.

Recebido em: 15/04/ 2019

Aprovado em: 24/09/2019